

O Futebol Feminino e a Cobertura da Mídia Brasileira¹

Karen de OLIVEIRA LIRA²

José de Paiva Rebouças³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a cobertura midiática do futebol feminino no Brasil, levando em consideração o contexto histórico e os dias atuais, para determinar como esta se difere da cobertura acerca da modalidade masculina do esporte. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa e se apoia no método bibliográfico (Zanella, 2011), que nos permite observar a presença ou ausência da modalidade em veículos jornalísticos. Para embasar nossa análise, nos apoiamos em Suraya Darido (2002), Giovana Capucim e Silva (2015), Marina Kanesiro (2009), Soraya Barreto Januário, Ana Maria da Conceição Veloso e Laís Cristine Ferreira Cardoso (2016). Conforme nossos resultados, é possível determinar que a cobertura do futebol feminino ainda engatinha em comparação a do masculino e que o público, até agora, não vê a modalidade com a mesma seriedade ou relevância que contempla o futebol masculino.

PALAVRAS-CHAVE: futebol feminino; futebol; jornalismo esportivo; mulheres na mídia; visibilidade

INTRODUÇÃO

No primeiro século da Era Comum, mulheres chinesas praticavam um esporte denominado *cuju*, no qual o jogador chutava uma bola em direção a um alvo. Centenas de anos depois, foi regularizado na Inglaterra o futebol, que é considerado um derivado do *cuju* (Tomlinson, 2010). As mulheres também participavam deste novo esporte, tendo sido o primeiro clube de futebol feminino, o British Ladies' Football Club, formado em Londres em 1895 (Tate, 2013). No Brasil, há relatos de mulheres jogando futebol informalmente desde, pelo menos, 1959, segundo Darido (2002).

Contudo, a evolução da modalidade foi obstruída por meio de proibições e de censura. Num Brasil sob ditadura, o Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu em 1965 que as mulheres praticassem o esporte, com a justificativa de que a natureza feminina não era compatível com o futebol, esporte que servia para afirmar a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Televisão e Televisualidade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social da UFRN, e-mail: karenolivilira02@gmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Demografia da UFRN

masculinidade dos homens praticantes (Silva, 2015). A medida foi revogada em 1979 e apenas em 1983 o futebol feminino foi oficialmente regulamentado pelo CND.

Considerando esse contexto, o presente estudo analisa a frequência e qualidade da cobertura jornalística acerca do futebol feminino comparado ao masculino com o intuito de verificar como a mídia brasileira cumpre seu papel de divulgar a modalidade. A presente pesquisa se justifica pela carência de visibilidade acerca do futebol feminino por parte da mídia brasileira, já que a categoria ainda luta para ser vista como são atualmente vistas as equipes masculinas.

METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, realizamos uma abordagem qualitativa, metodologia que busca compreender e interpretar fenômenos sociais por meio de observações detalhadas, pois “preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados” (Zanella, 2011, p. 99). Empregamos, ainda, como metodologia a pesquisa bibliográfica, pois nos possibilitou um levantamento de dados utilizando como fontes livros, periódicos, trabalhos acadêmicos e outras fontes, bem como o método documental que nos permitiu analisar publicações como jornais e documentos governamentais e institucionais (Zanella, 2011). Por meio deste método, analisamos a editoria de futebol do portal de jornalismo esportivo *online* GE, do Grupo Globo, com o propósito de determinar a quantidade e qualidade da cobertura do futebol feminino comparado à do masculino. Observamos as notícias publicadas entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023, período que nos permitiu levantar 1.165 (mil, cento e sessenta e cinco) matérias. Para nossa discussão e estado da arte, consultamos Suraya Darido (2002), Giovana Capucim e Silva (2015), Marina Kaneshiro (2009), Soraya Barreto Januário, Ana Maria da Conceição Veloso e Laís Cristine Ferreira Cardoso (2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cobertura do futebol feminino pela mídia brasileira não é tão frequente ou ampla quanto a do masculino. A modalidade é, principalmente, transmitida e discutida durante Copas do Mundo e Olimpíadas, mas outras competições recebem pouca

veiculação (Kanesiro, 2009). O jornalismo, enquanto produtor de sentidos, falha em trazer o futebol feminino para o cotidiano do brasileiro, visto que a maioria das pessoas tem pouco conhecimento da categoria e não consegue nomear uma jogadora mulher que não seja Marta. Januário, Veloso e Cardoso (2016), ao analisarem a cobertura da Copa feminina por portais de Pernambuco, observaram que o desinteresse do público acerca do futebol feminino é fruto, em parte, da falta de divulgação e incentivo à modalidade.

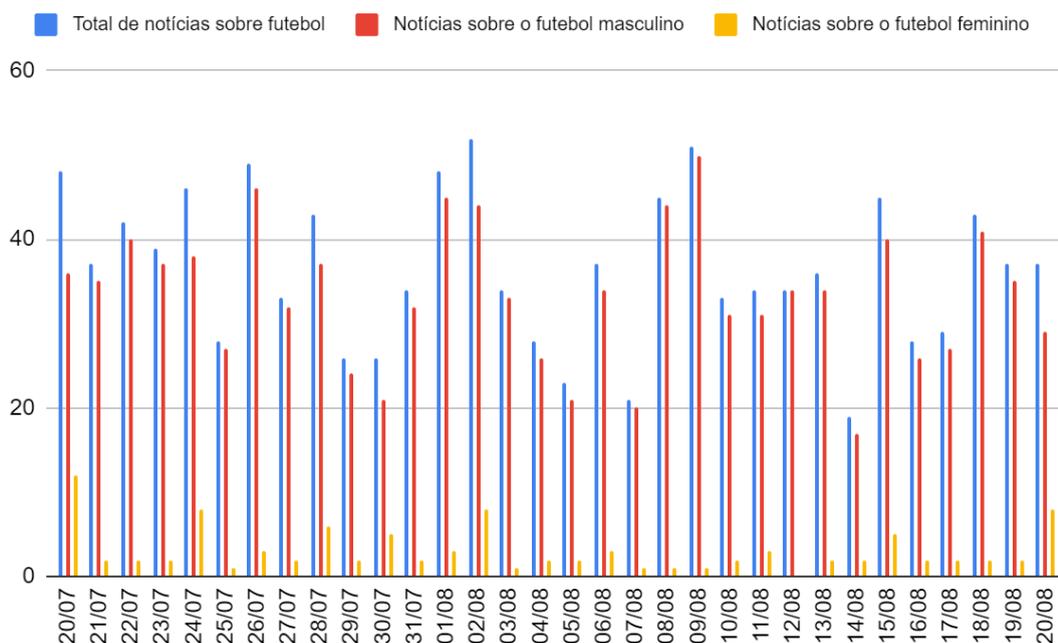
Na mesma época em que estavam sendo realizadas as competições da Copa do Mundo de Futebol Feminino, ocorreu a Copa América de futebol masculino; enquanto a mídia de massa televisiva apresentava flashes ao vivo, de hora em hora, sobre o certame masculino, os jogos do feminino permaneceram quase invisíveis para as massas, ganhando espaço apenas em matérias curtas exibidas nos telejornais (Januário; Veloso; Cardoso, 2016, p. 12)

Além disso, percebe-se que o discurso midiático sobre o futebol feminino sempre busca compará-lo ao masculino (Kanesiro, 2009), muitas vezes para supervalorizar a categoria dos homens e desfavorecer a das mulheres (Januário; Veloso; Cardoso, 2016). Para Borelli (2005), o jornalismo – mais amplamente, a mídia – é uma atividade produtora de sentidos, já que é capaz de trazer à superfície e colocar “na boca do povo” as pautas que o veículo decide propagar. Portanto, a imprensa do Brasil contribui para a grande popularidade do futebol masculino e para a obscuridade, na maior parte do tempo, do feminino, por meio da omissão da modalidade (Martins e Moraes, 2006).

Seguindo o exemplo de Januário, Veloso e Cardoso (2016), partimos para uma análise do *site* GE no período de trinta dias entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023, quando acontecia a Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino. No primeiro dia da competição, foram publicadas, no referido portal, 12 (doze) notícias sobre o futebol feminino, enquanto o futebol masculino teve 36 (trinta e seis) notícias. 10 (dez) das informações jornalísticas sobre a atuação feminina se resumiram, em sua maioria, à própria Copa, com apenas 2 (duas) sendo sobre assuntos não relacionados. As matérias tiveram entre quatro e dez parágrafos. Enquanto isso, acerca do futebol masculino, foram publicadas notícias sobre diversas competições e tópicos diferentes, incluindo uma copa sub-12; times que têm uniformes rosa e clubes das séries C e D com longas sequências de derrotas.

Ao longo do mês, o quadro era parecido, com mais veiculação sendo dedicada ao futebol masculino mesmo com uma Copa do Mundo feminina acontecendo ao mesmo tempo. Diversas modalidades do futebol de homens foram cobertas, como o futebol de cegos, o de areia e o futsal, assim como diferentes competições nacionais e internacionais desde o Brasileirão até o Campeonato Saudita. O futebol de mulheres, contudo, era resumido, na maioria das vezes, à Copa. Das 1165 (mil, cento e sessenta e cinco) notícias publicadas, 1067 (mil e sessenta e sete) foram sobre o futebol masculino e apenas 98 (noventa e oito) sobre o feminino. Na maior parte dos dias, eram veiculadas de uma a três matérias sobre o futebol de mulheres, com exceção de sete dias quando foram publicadas quatro ou mais e de um dia, 12 de agosto, quando não foi divulgada nenhuma. O gráfico 1 traz um resumo dessa cobertura:

Gráfico 1: Número de notícias veiculadas sobre futebol no portal GE/Globo



Notícias da editoria de futebol do GE publicadas durante a Copa do Mundo Feminina de 2023.
Fonte: ge.globo.com

Após o campeonato, o principal foco das matérias sobre o futebol feminino não eram as partidas, mas sim o assédio cometido por Luis Rubiales, então presidente da Real Federação Espanhola de Futebol, contra a campeã do mundo Jenni Hermoso. Por

meses, após vencer o mundial com a Espanha, a carreira da jogadora foi resumida pela mídia basicamente a ter sido vítima de assédio.

Esses dados são suficientes para mostrar que o futebol feminino não é tratado pela mídia brasileira com a mesma seriedade que o futebol masculino, visto que a segunda categoria tem mais veiculação que a primeira, mesmo durante o maior e mais importante campeonato da modalidade feminina. Este cenário demonstra que, apesar dos esforços e da luta por igualdade de gênero, o Brasil ainda é um país que desvaloriza o esforço da mulher, mesmo ela apresentando uma atuação respeitável. Também reforça o caráter machista do futebol, enquanto esporte mais consolidado na cultura nacional, tendo a mídia como vetor nesse comportamento, pois como diz Kaneshiro (2009), o ambiente misógino do futebol resulta numa mais difícil inserção no esporte para as mulheres e na diferença de tratamento por parte da mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise acima apresentada, observamos que, apesar da proibição do futebol feminino ter sido revogada em 1979, é notável que a modalidade ainda luta para ter a mesma visibilidade da qual a masculina desfruta. Tal realidade é evidenciada na diferença gritante entre a cobertura do futebol feminino comparada à do masculino. Podemos concluir que a mídia, enquanto produtora de sentidos, não cumpre com a sua responsabilidade de trazer mais proeminência ao futebol de mulheres e dar destaque à categoria não só em tempos de Copa do Mundo ou de Olimpíadas, mas todos os dias.

REFERÊNCIAS

- TOMLINSON, Alan. **A Dictionary of Sports Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- TATE, Tim. **Girls With Balls: The Secret History of Women's Football**. John Blake Publishing, 2016.
- DARIDO, S. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica**. Tese - Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 7. 2002.
- SILVA, G. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Tese (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 135. 2015.
- MARTINS, L; MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata**. Tese (Doutorado em Educação) - Unicamp. Campinas, p. 81. 2006.

KANESIRO, M. **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. Tese (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, p. 52. 2009.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana Maria da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/4635/pdf>

Grupo Globo. **GE**, © 2000-2024. Jornalismo esportivo. Disponível em: ge.globo.com. Acesso em: 27 mar 24

ZANELLA, Liane. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.